

VAMOS
COLORIR?

FABULAS QUE ENCANTAM

O HOMEM, A EGUA
E O BURRO E OUTRAS...



Lenira Almeida Heck
(Júlia Vehuiah)



Atribuição-Use não-comercial-Vedada a criação de obras derivadas 3.0 Unported
(CC BY-NC-ND 3.0)

Esta é uma licença simplificada baseada na **Licença Jurídica (licença integral)**

Advertência

Você tem a liberdade de:

Compartilhar — copiar, distribuir e transmitir a obra.

Sob as seguintes condições:



Atribuição — Você deve creditar a obra da forma especificada pelo autor ou licenciante (mas não de maneira que sugira que estes concedem qualquer aval a você ou ao seu uso da obra).



Uso não comercial — Você não pode usar esta obra para fins comerciais.



Vedada a criação de obras derivadas — Você não pode alterar, transformar ou criar em cima desta obra.

Ficando claro que:

Renúncia — Qualquer das condições acima pode ser renunciada se você obtiver permissão do titular dos direitos autorais.

Domínio Público — Onde a obra ou qualquer de seus elementos estiver em domínio público sob o direito aplicável, esta condição não é, de maneira alguma, afetada pela licença.

Outros Direitos — Os seguintes direitos não são, de maneira alguma, afetados pela licença:

- Limitações e exceções aos direitos autorais ou quaisquer usos livres aplicáveis;
- Os direitos morais do autor;
- Direitos que outras pessoas podem ter sobre a obra ou sobre a utilização da obra, tais como direitos de imagem ou privacidade.

Aviso — Para qualquer reutilização ou distribuição, você deve deixar claro a terceiros os termos da licença a que se encontra submetida esta obra. A melhor maneira de fazer isso é com um link para esta página.

Lenira Almeida Heck
(Júlia Vehuiah)

Fábulas que encantam

1ª edição

EDITORA
UNIVATES

Lajeado, 2014

Autora: Lenira Almeida Heck

Inspirada por: Júlia e Vehuiah (meus anjos)

Ilustradora: Adriana Schnorr Desso

E-mail: lenira@universo.univates.br

Fone: (51) 8406-9804



Editora Univates

Coordenação e Revisão Final: Ivete Maria Hammes

Editoração: Marlon Alceu Cristófoli

Ilustrações: Adriana Schnorr Desso

Revisão Linguística: Veranice Zen e Sandra Lazzari Carboni

Rua Avelino Tallini, 171 - Bairro Universitário - Lajeado - RS - Brasil

Fone: (51) 3714-7024 ou (51) 3714-7000 ramal 5215

<http://www.univates.br/editora>

H448 Heck, Lenira Almeida

Fábulas que encantam / Lenira Almeida Heck;
Ilustração de Adriana Schnorr Desso - Lajeado :
Editora da Univates, 2014.

51 p.

ISBN 978-85-8167-070-6

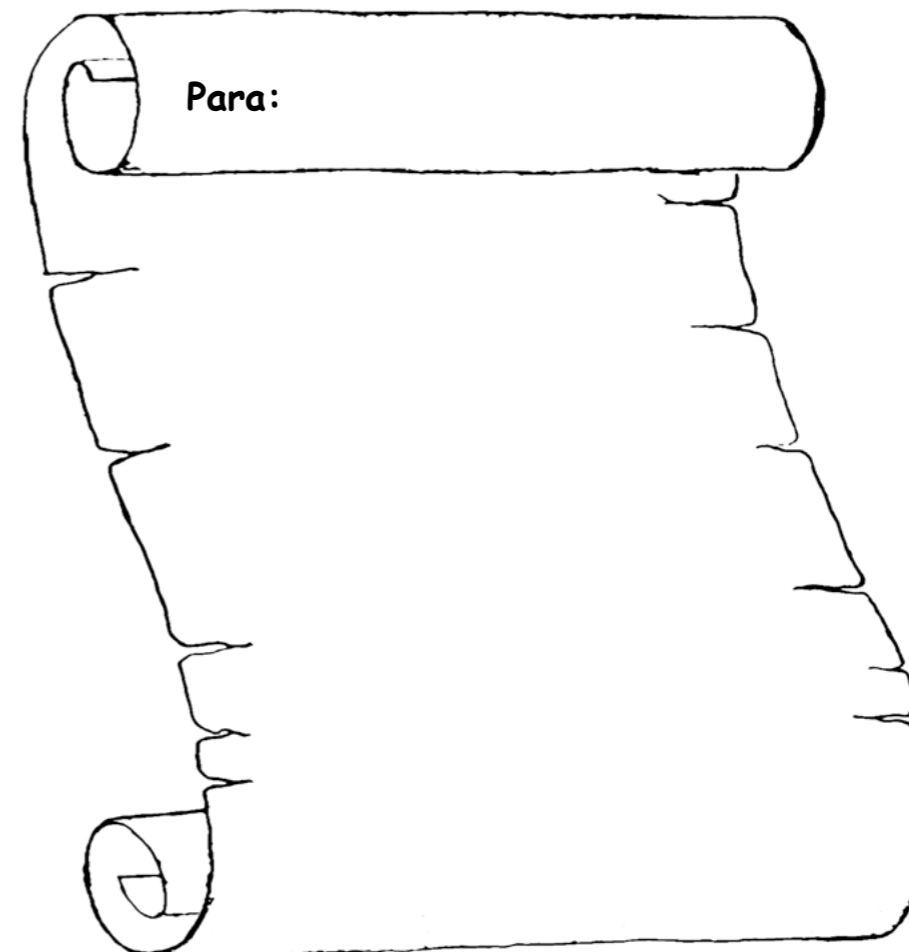
1. Literatura infanto-juvenil I.Título

CDU: 82-93

Catálogo na publicação – Biblioteca da Univates

Esta obra é de exclusiva responsabilidade da autora.

Copyright: Lenira Almeida Heck



Dedico esta obra:

Ao meu país

Às crianças de todas as idades

Ao Roque, Davi, Aline, Ricardo e Zenice

Aos meus colegas e alunos.

À Ivete e ao Marlon, pela dedicação.

Pensamento:

A esperança é o farol que o viajor precisa
para navegar no oceano da vida.

(Júlia Vehuiah)

Agradecimentos:

A Deus, por mais esta obra.

Júlia, pela vida.

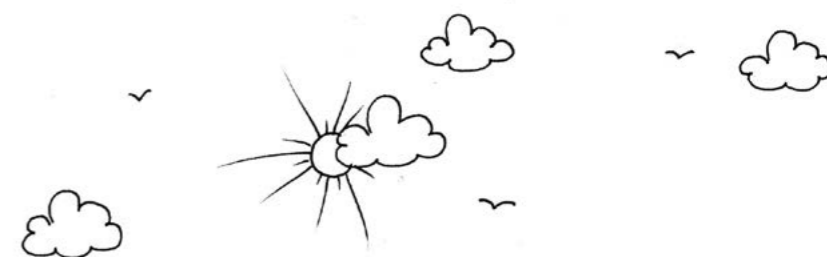
Vehuiah, pela inspiração.

O HOMEM, A ÉGUA E O BURRO

Esta história aconteceu na pequena cidade de Cenápolis, onde vivia um próspero fazendeiro chamado Seu Zé. Ele possuía, entre tantos animais, dois de estimação: o burro Saião e a égua Pantocha.

O convívio entre o homem e o burro vinha de longa data, desde que Saião era recém-nascido.

Seu Zé do burro, como era conhecido, tinha fama de explorar o animal. Mas, segundo comentários, os dois se mereciam, pois não se sabia qual deles era o mais esperto.



Uma coisa era certa: tudo o que Seu Zé possuía, era graças ao trabalho do burro Saião.

Certa manhã, o burro acordou indisposto. Parecia doente. Seu Zé ignorou o fato e começou a cutucá-lo para que levantasse.

D. Maricota, mulher muito religiosa, protetora dos animais e observadora da vida alheia, ao vê-lo tão abatido, veio cheia de boas intenções e indicou um veterinário.

Seu Zé, já sem paciência, disse:

- D. Maricota, é muito feio as pessoas se intrometerem onde não são chamadas. O burro é meu, portanto, cabe a mim tomar as devidas providências.

A mulher ficou muito magoada, porque só estava querendo fazer o bem e não esperava tal resposta.

Enquanto discutiam, o burro Saião parecia piorar.

As pessoas, sensibilizadas com a situação, revoltaram-se contra o Seu Zé. Foi a maior confusão. Era insulto para lá, ofensa para cá, ameaças acolá. Os ânimos estavam exaltados.

Quanto mais o dono do burro afirmava que o animal fingia, mais as pessoas se enfureciam. A discórdia aumentava e Saião se divertia.

Diante da revolta geral, Seu Zé calou-se. Colocou água e três feixes de capim frescos perto do animal, e foi sozinho para a roça.



Quando todos saíram, Saião olhou ao redor, levantou-se faceiro e começou a comer.

Enquanto comia o capim, pensava na linda manhã que teria ao lado da bela égua Pantocha que, aliás, não demorou a aparecer, já que tudo aquilo havia sido planejado pelos dois.

Seu Zé, por sua vez, tinha certeza de que todos estavam sendo enganados, mas não podia fazer nada para convencê-los, porque o burro era muito manhoso.

Foi aí que ele lembrou de pedir conselhos a um amigo entendido em animais.



Após ouvir atentamente o relato, o amigo disse:

- Zé, esta é a primeira vez que ouço uma história assim. Diga-me, o burro gosta de cenouras?

- Adora! - respondeu Seu Zé.

- Então vá e lhe amarre uma cenoura em cada orelha e vamos ver o que acontece.

O Seu Zé saiu dali pensativo:

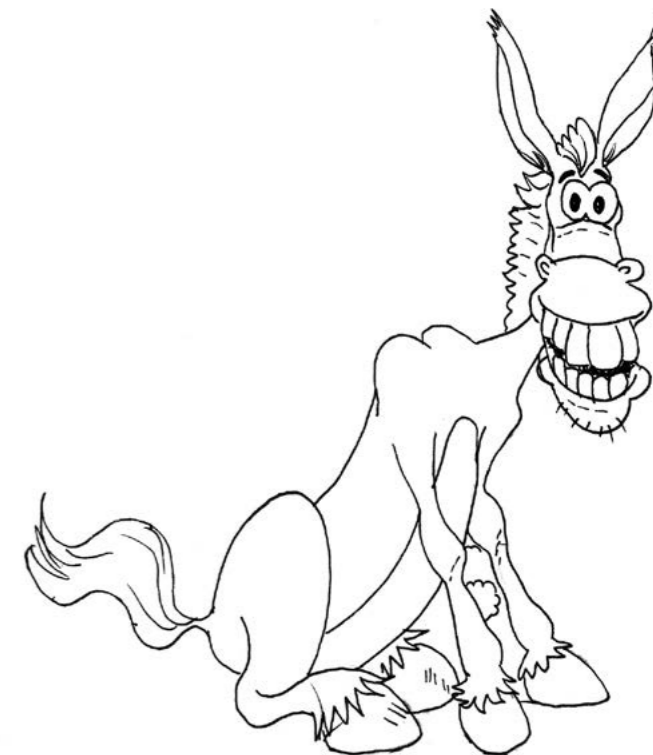
- O que tem a ver cenouras com as manhas do Saião?

Ao retornar a casa, encontrou Saião dormindo.

Sem fazer barulho, foi até a horta, colheu duas cenouras bem viçosas e amarrou uma em cada orelha do animal, conforme o amigo aconselhara.

Ao acordar, Saião viu o seu alimento preferido bem perto dos olhos e, imediatamente, levantou-se e começou a caminhar.

Desse jeito, ficou provado que o burro inventava doença para não trabalhar.





A partir daquele dia, bastava colocar as cenouras nas orelhas de Saião, e ele saía todo faceiro para o trabalho. No fim do dia, como recompensa, ganhava pasto e mais cenouras frescas.

O truque das cenouras funcionou por uns tempos. Quando se acostumou com o legume, as manhas voltaram. Ele trabalhava quando queria, por mais que o Seu Zé insistisse. Em virtude disso, o agricultor decidiu que compraria um trator e um caminhão para substituir o animal nas tarefas.

Uma tarde, ao alisar a crina do animal, Seu Zé comentou:

- Saião, meu bom amigo, não aguento mais os seus caprichos! Chegou a hora de eu lhe aposentar.

Naquele instante, o burro encostou a cabeça no ombro do dono e começou a relinchar.

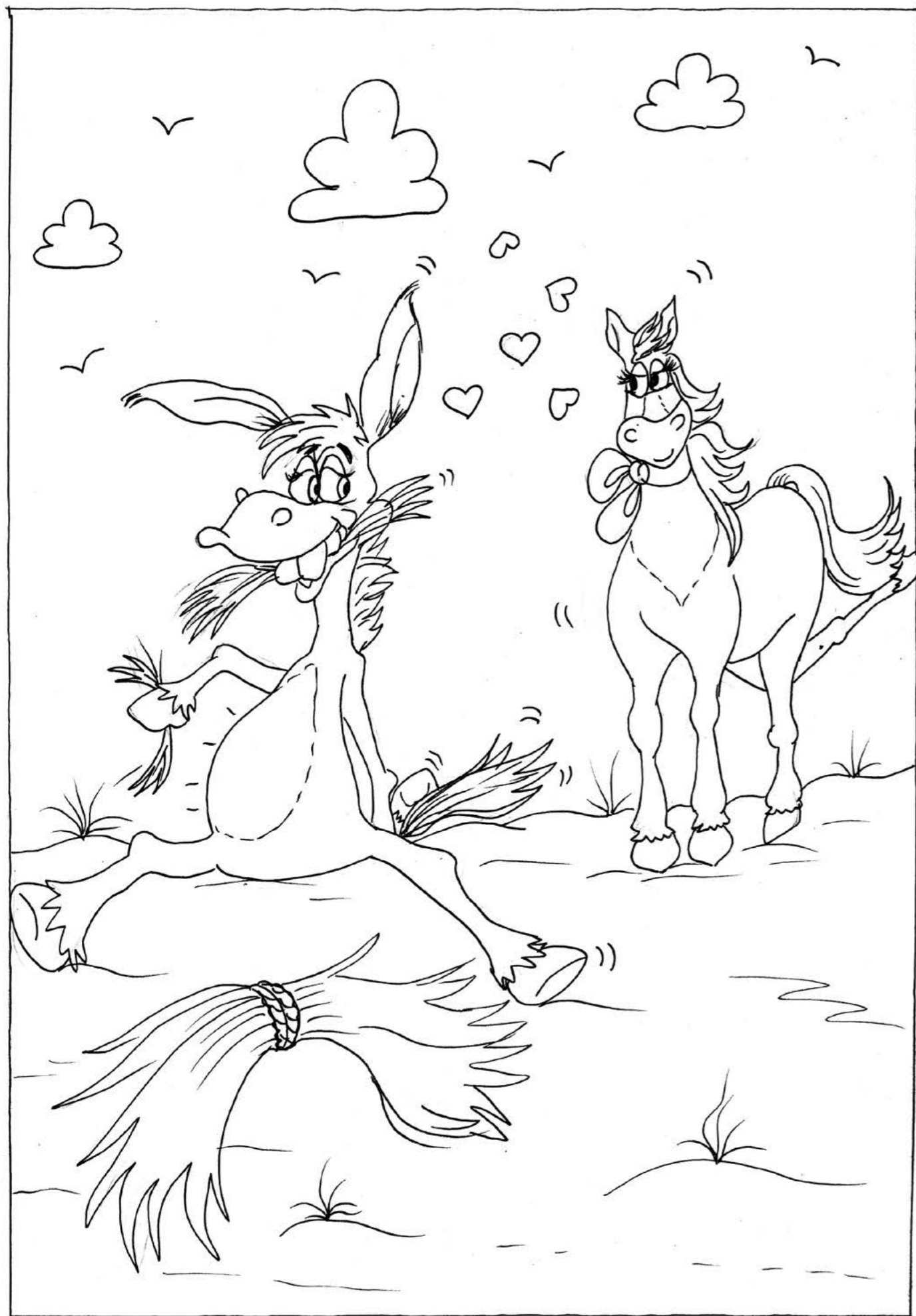
Antes de deixar a estrebaria, Seu Zé fez mais um afago no seu animal.



Dias depois, um trator e um caminhão foram entregues na fazenda.

A partir de então, Saião só trabalhava de vez em quando e, ainda assim, contra vontade. Grande parte do tempo, pastava em companhia de Pantocho pelos belos campos do lugar.

As coisas iam bem, até que algo inesperado aconteceu e turvou a alegria dos dois.



Certa manhã, enquanto Saião e Pantocha descansavam embaixo de uma árvore frondosa, eis que chegou à fazenda um caminhão. Na porta, o emblema: "Frigorífico Mata-Rápido".

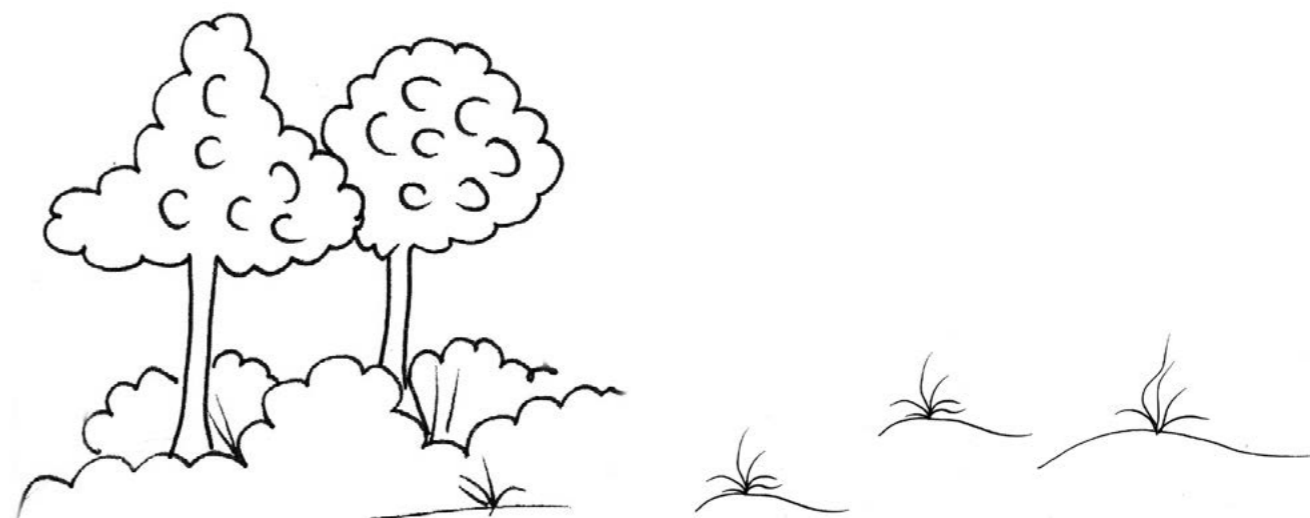
Ao descer, o motorista perguntou:

- Bom dia! Por favor, onde mora Seu Zé do burro?

- É aqui mesmo, moço!

Após conversas e acertos, Seu Zé foi até onde estava Saião, laçou-o, e os dois homens o embarcaram.

O burro olhou para o Seu Zé buscando explicação, mas ele desviou o olhar. E o veículo partiu.

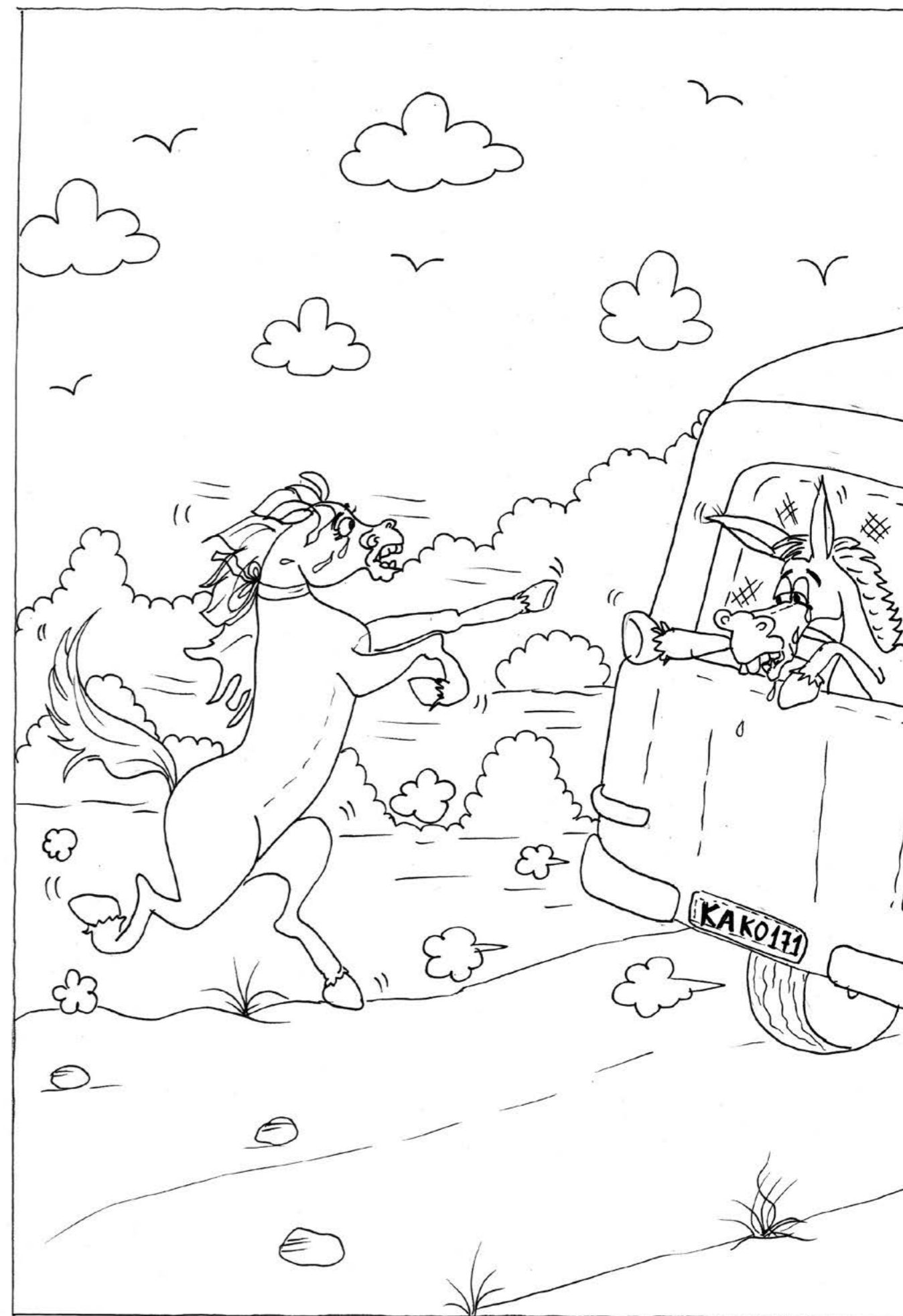


A égua Pantocha pressentiu que algo terrível estava para acontecer. Solidária, saiu a galope atrás do caminhão.

Ao vê-la pelo retrovisor, o motorista diminuiu a velocidade.

No frigorífico desembarcaram Saião. O dono do estabelecimento, que era veterinário, veio examiná-lo. Ao ver sua agitação, resolveu poupá-lo naquele dia.

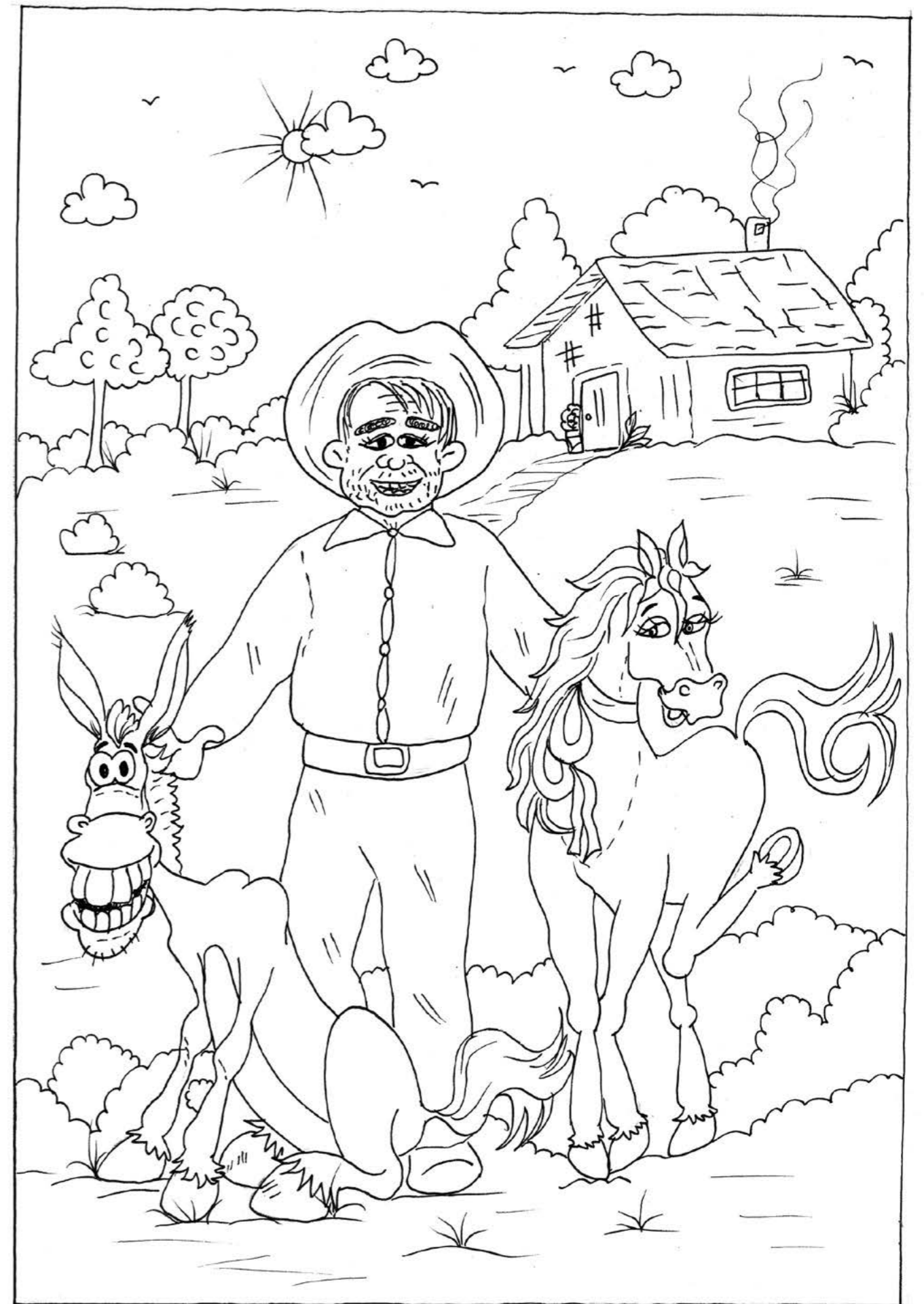
Nesse meio tempo, a égua Pantocha chegou arquejante.



O veterinário, ao observar a tristeza dos animais, ficou sensibilizado e decidiu que o burro não seria abatido.

Naquele momento, lembrou do dia em que Saião nasceu, pois ele viu seu nascimento, deu-lhe o nome e o presenteou ao amigo Zé. Também foi ele quem o aconselhou a colocar as duas cenouras nas orelhas do animal.

A partir dessas lembranças, o veterinário resolveu levar o burro e a égua ao dono que, arrependido, chorou de alegria ao vê-los.

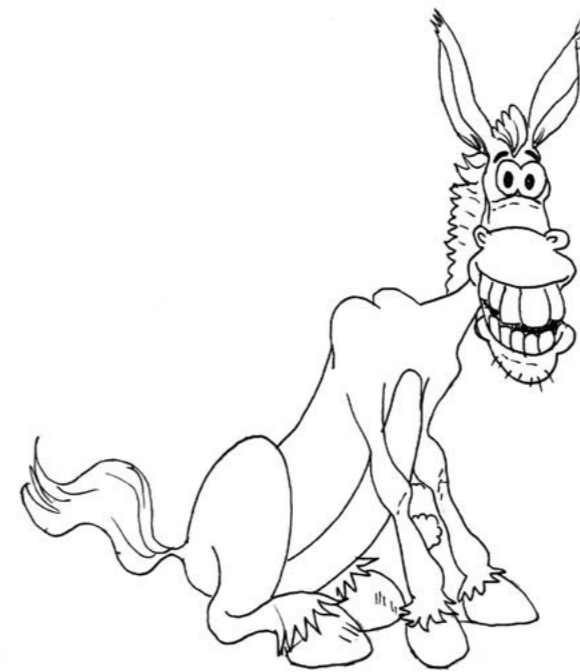


No dia seguinte, Seu Zé montou em Saião e saiu pelos prados verdejantes, relembrando a época em que, pobre como Jó, dependia daquela montaria para se locomover e transportar os produtos que vendia na feira.

Com o passar dos anos, o homem e o burro se tornaram lenda viva em Cenópolis e, por onde passavam, despertavam a curiosidade das pessoas.

Saião gostava de ir à cidade, mas sentia-se feliz em voltar para casa onde a égua Pantocha o esperava.

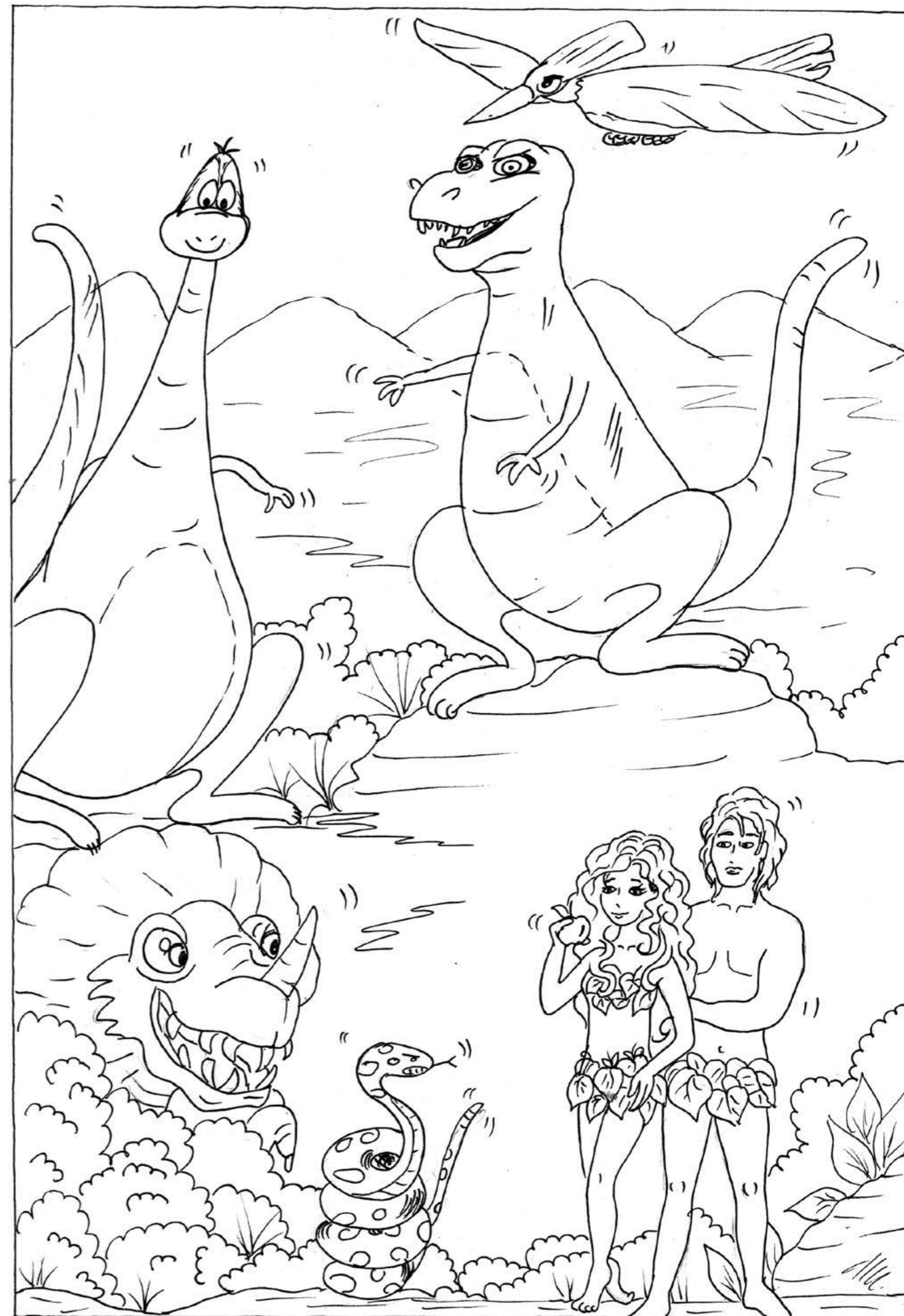
Naquela região, contam que é comum, nos finais de tarde, ver dois animais correndo pelos campos, sob o olhar carinhoso de um velho que tem muitas histórias para contar.



A TARTARUGA VOADORA

Tudo aconteceu há muito tempo... No início, a terra era deserta e vazia. Nela havia a escuridão que cobria os oceanos, e um vento forte que soprava sobre as águas. Depois as coisas foram sendo criadas - cada uma a seu tempo. Então Deus criou o homem. O processo de criação durou seis dias. No sétimo dia, o Criador do Universo parou para observar a sua obra.

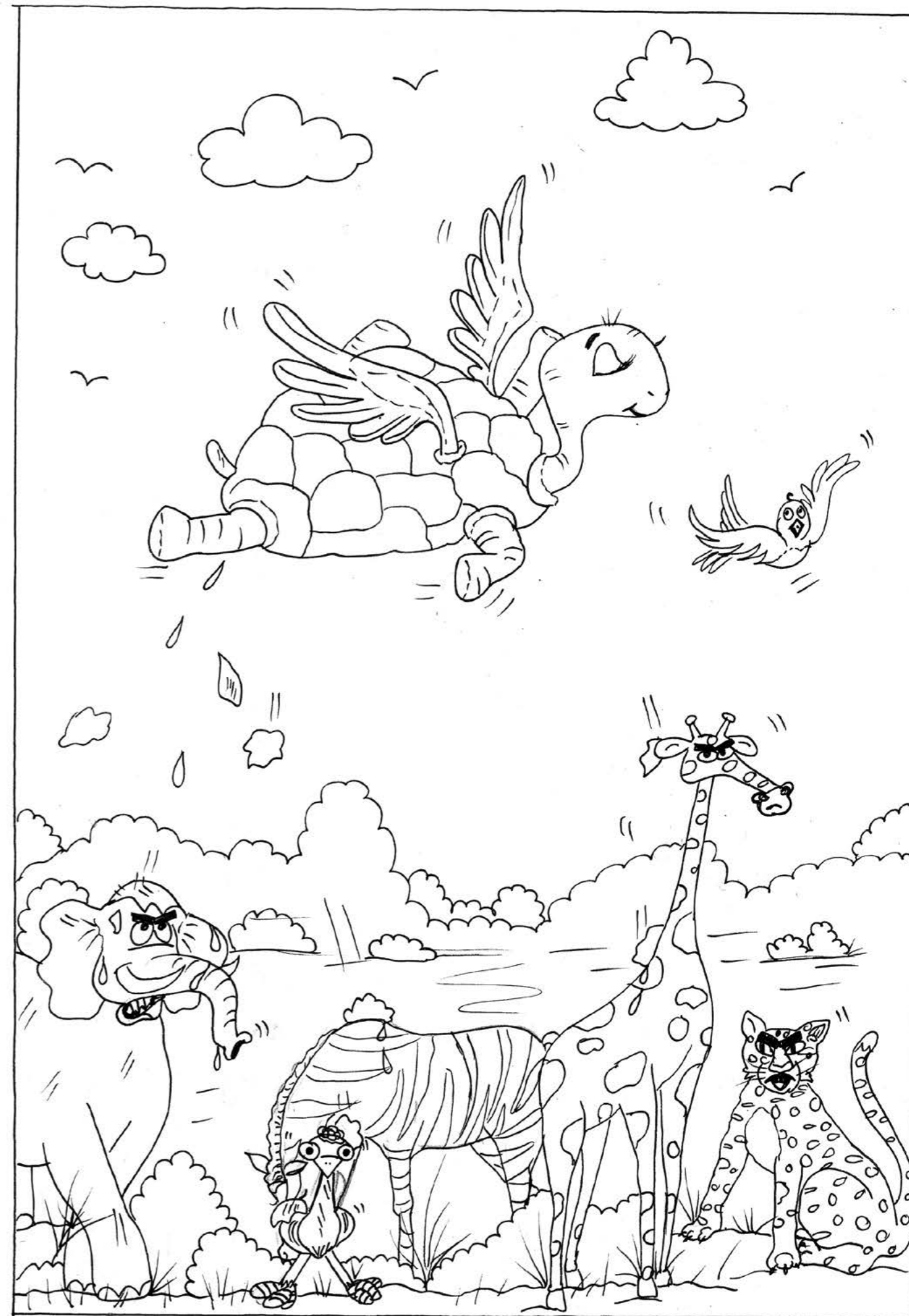
Naquela época, tudo era diferente: havia animais enormes; outros, bem estranhos. As cobras falavam. Uma delas até ofereceu maçã a um casal que morava no Jardim do Éden. E foi aí, segundo a crença de muitos, que os problemas na Terra começaram.

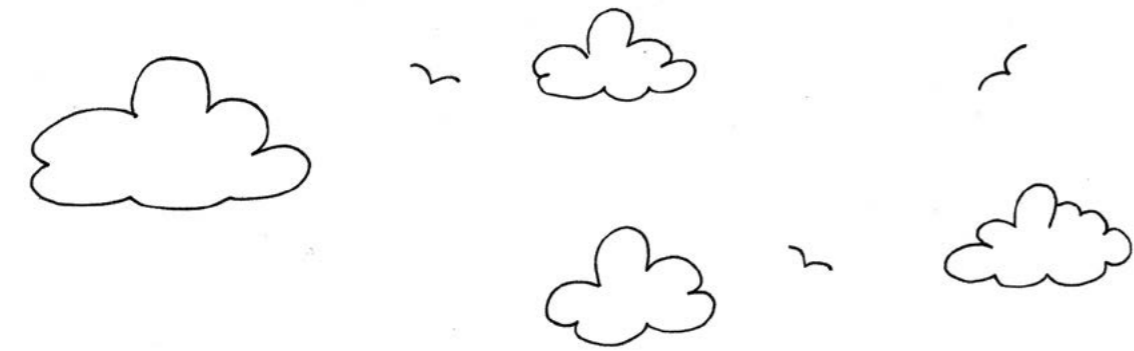


O planeta Terra tinha o ecossistema rico e variado. Tudo era equilibrado e perfeito. Nesse ambiente fecundo, nasceu e cresceu a tartaruga Gogói.

Por ser alada, ela se julgava mais importante que os outros animais. Por isso, ao voar, jogava sujeiras sobre aqueles que viviam no solo.

Sentindo-se prejudicados, os animais se reuniram para encontrar uma solução para o caso. Conversa vai, conversa vem, chegaram à conclusão de que deveriam convidar Gogói para conversar.





O macaco ficou encarregado de organizar o encontro.

No dia marcado, todos se reuniram. O papagaio expôs para a tartaruga a insatisfação dos companheiros. No início, Gogói escutou. Depois, irritou-se e fez menção de ir embora, mas os animais tentaram impedi-la. Furiosa, ela partiu para a agressão.

O macaco tentou acalmar os ânimos, mas foi agredido. A chinchila quis intervir e levou uma bordoadada. Parou a metros de distância.

Em meio à confusão, Gogói tentou fugir, mas tropeçou na própria asa e rolou ribanceira abaixo. Os animais tentaram resgatá-la, não conseguiram e foram embora.



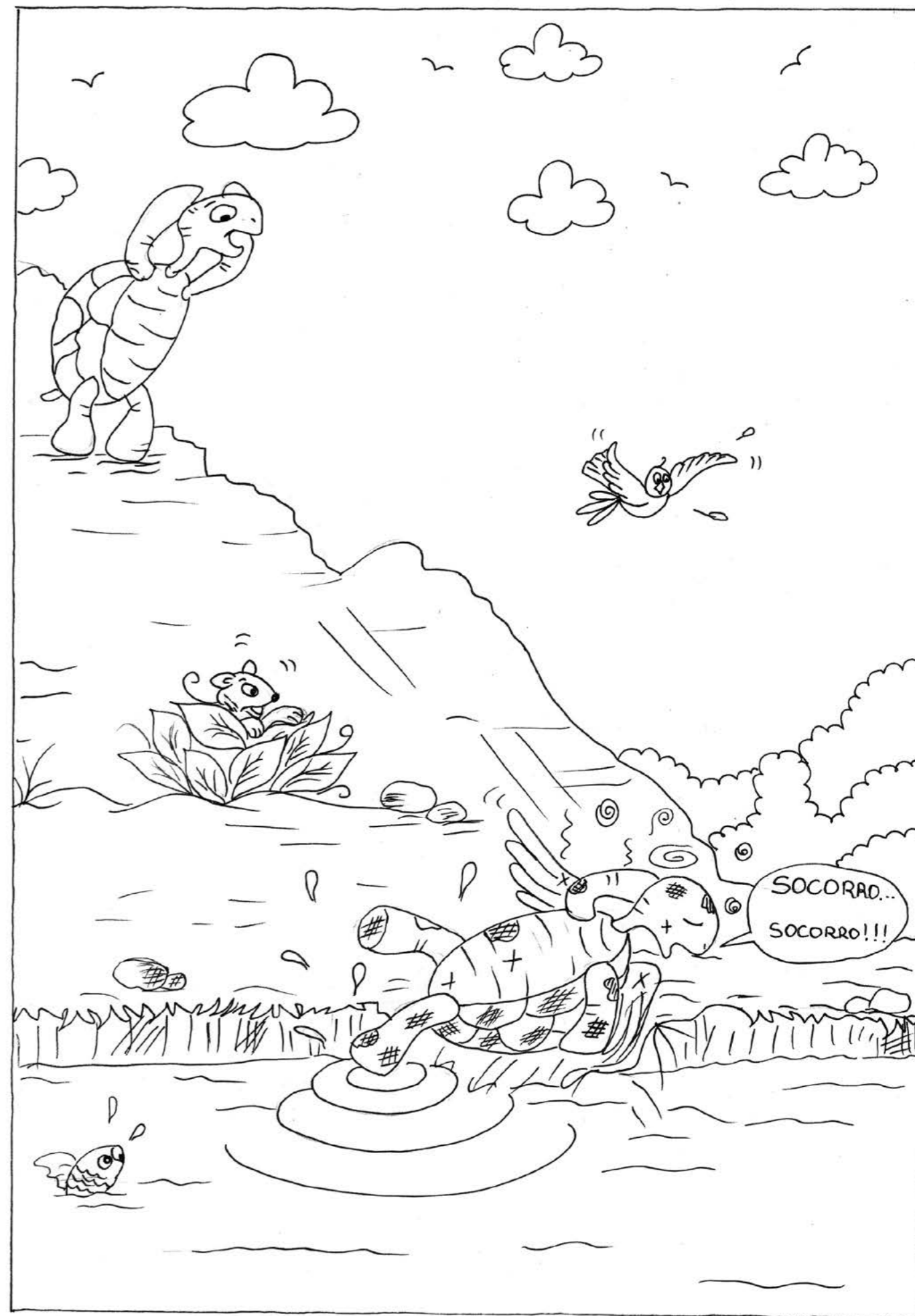


Horas depois, passou por ali um jabuti que, de repente, ouviu:

- Socorro! Socorro! Socorro!

Depressa, desceu para ver quem pedia ajuda. Deparou-se com a tartaruga bastante machucada. Prestativo, quis ajudá-la, mas também não conseguiu. Então saiu em busca de socorro.

Com muita dificuldade o resgate foi feito. Os jabutis decidiram levar Gogói à beira-mar, pois dizia-se que a medicina no fundo do mar estava muito avançada. Mal chegaram e uma grande onda se formou, arrastando-a para as profundezas do oceano.

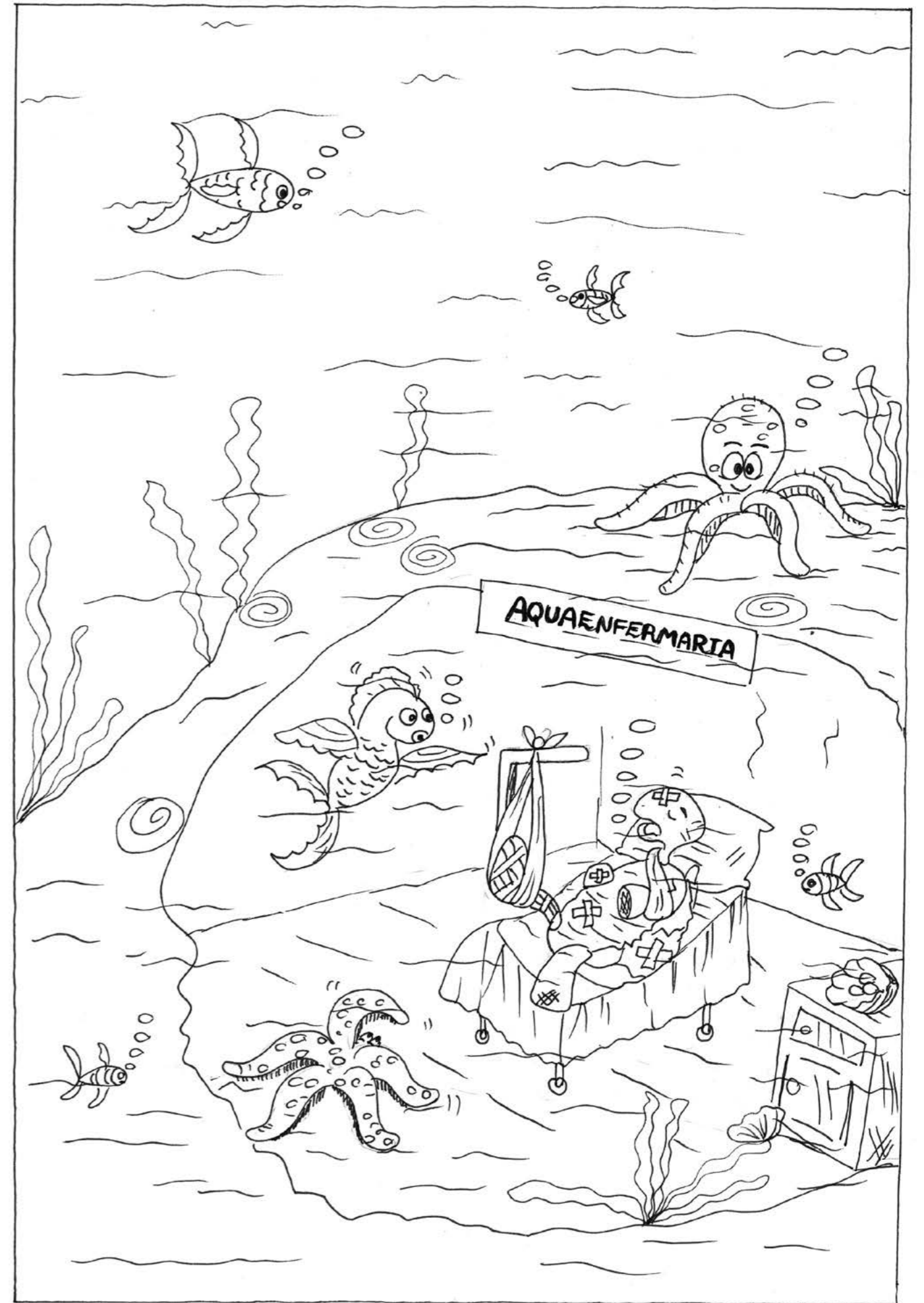


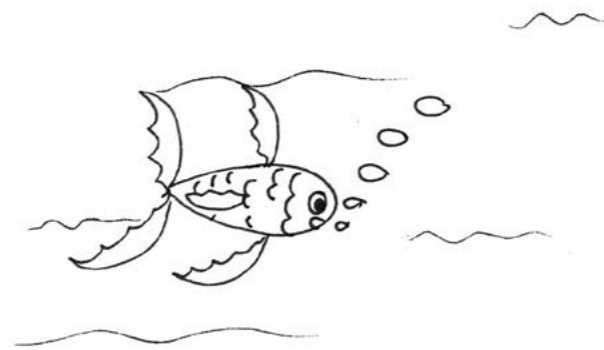
Um peixe que fazia a ronda encontrou Gogói desfalecida. Preocupado, chamou a equipe socorrista.

Transportada para o hospital, passou por cirurgia. Foi salva graças à perícia dos peixes. Depois foi removida para a aquaenfermaria, onde permaneceu em recuperação por várias semanas. Ao melhorar, Gogói ficou sabendo que nunca mais voaria, e que sua carapaça ficaria repleta de cicatrizes. A enferma chorou.

A partir do acidente, Gogói passou a se mover lentamente. No início foi difícil, mas teve de se acostumar e passou a viver no mar. Com o tempo, sua família e outras tartarugas também se mudaram para o oceano, onde vivem até hoje.

Periodicamente, visitam a terra para nela depositarem seus ovos na areia da praia, onde ficam incubados por várias semanas. Instintivamente, ao nascerem, as tartaruguinhas correm apressadas para o mar. Talvez, por se sentirem ameaçadas na terra.

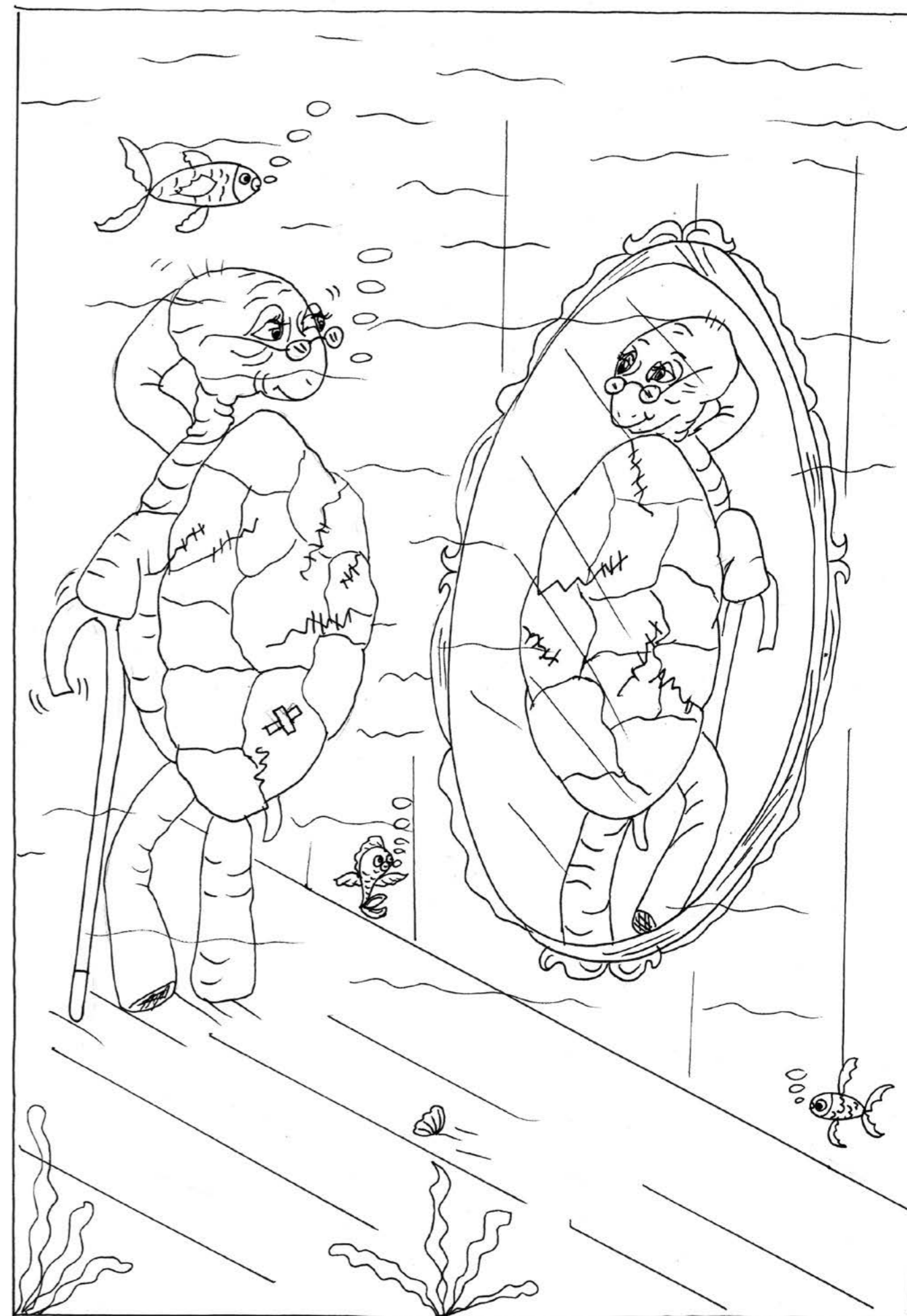
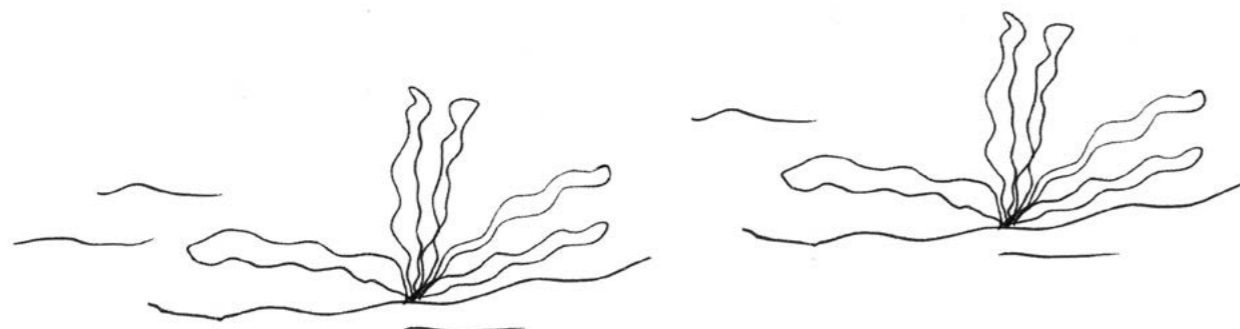




Tempos depois...

Em frente ao espelho, Gogói observa o seu casco. Pensativa, lembra da época em que se julgava melhor que os outros animais só porque podia voar. Gogói está bem velhinha, usa óculos e bengala.

Ao cair da tarde, reúne as tartaruguinhas para contar histórias de um tempo em que ela e seus ancestrais voavam. Fala sobre a solidariedade e o respeito que devem existir entre os animais, incluindo o bicho homem.



A BARATA COTINHA

Era uma vez uma barata chamada Cotinha. Bonita, elegante e discreta, ninguém nunca ouviu a sua voz. Tinha asas de cor marrom brilhante, boca pequena, olhos negros como a noite, pés pequenos e velozes como o vento. Na cabeça, um par de antenas.

Apesar de pequena, provocava grande alvoroço entre algumas pessoas que, ao vê-la, corriam assustadas, gritando ou querendo caçá-la.



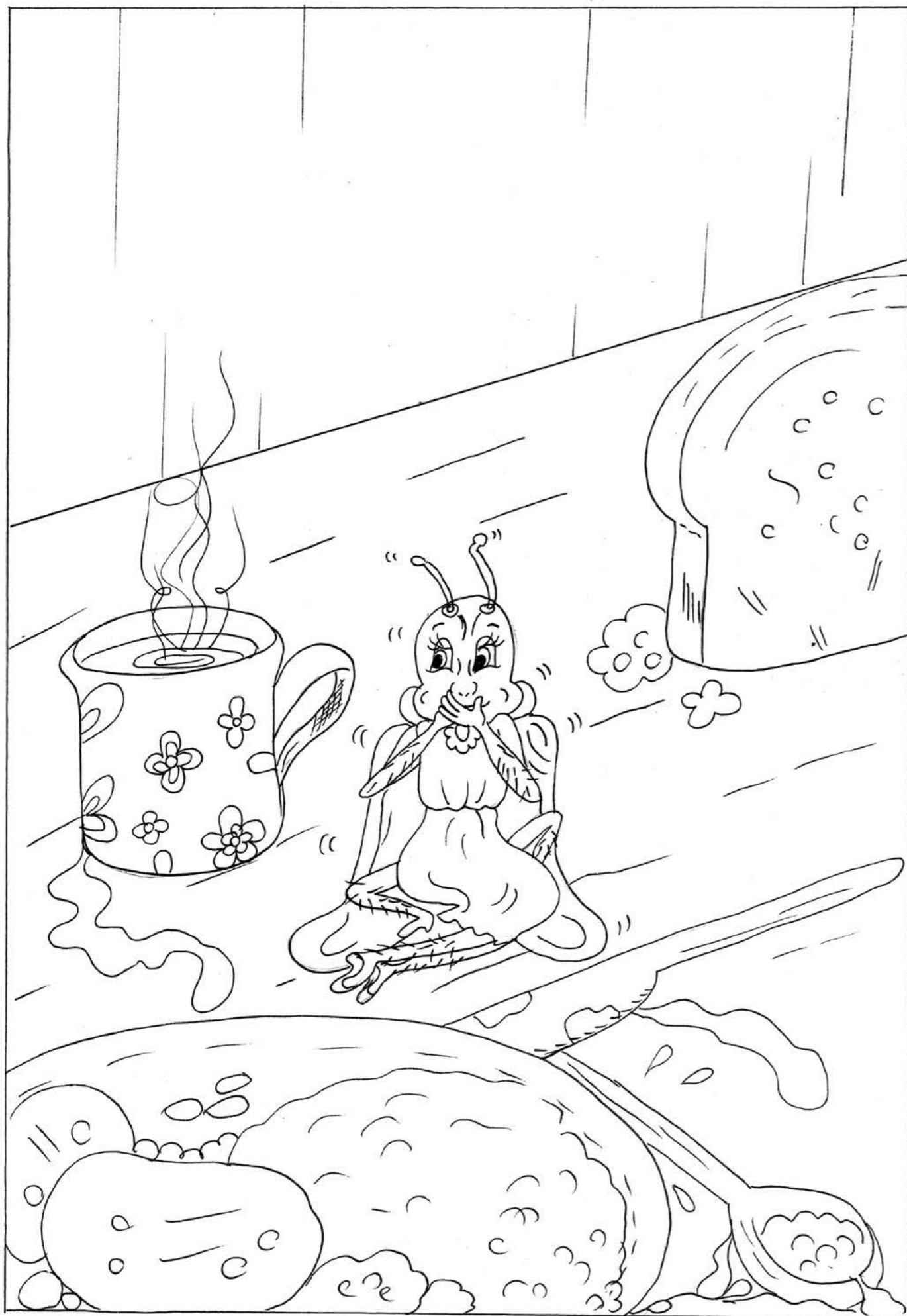
Cotinha possuía hábitos noturnos, ocasião em que saía para passear e se alimentar.

Certa noite, ao sair do esconderijo, Cotinha foi à cozinha.

Ao subir na mesa, deparou-se com um grande banquete.

Gulosa, exclamou:

- Oh! Que maravilha! Tudo isso só para mim!



Rapidamente, pôs-se a comer.

Lá pelas tantas, sentiu uma dorzinha na barriga.

- Ai! Ai! Ai! Ai! Essa não!

Sem querer, escapou um pum. De repente, sentiu que algo mais iria acontecer.

- Ihh, agora o que faço?

Não conseguiu prender, e fez tudo ali, sobre os alimentos.

Brrrrruuuurrrr! Brrruurrrr!

Aliviada, continuou saboreando as delícias.



Cotinha estava entretida com a comilança, quando, de repente, alguém ligou a luz.

- Ah! Essa, não. - pensou e permaneceu imóvel.

Uma enorme criatura ficou a observá-la por algum tempo. Com gestos lentos, pegou o chinelo e, pé ante pé, se aproximou.

Cotinha permaneceu alerta. A enorme criatura quis surpreendê-la. Ela entendeu a intenção e aguardou. O momento era de tensão. Numa rapidez surpreendente o homem deu o golpe. Ela correu. Foi perseguida. Tentou se esconder. Não conseguiu. Sentiu-se encurralada.

Em toda a história das baratas, nunca houve perseguição igual. Homem e barata travaram uma terrível batalha: pratos caíram, xícaras quebraram, comidas foram espalhadas... Era muita sujeira.



Desesperada, Cotinha voa em direção a seu perseguidor e pousa em sua roupa. Esconde-se. À medida que se mexe, roça-lhe a pele.

O homem fica em pânico, tropeça e cai. Machuca-se. Geme. Levanta. Tenta livrar-se da barata, mas não consegue.

Amedrontada, Cotinha sobe por dentro da calça.

O homem sapateia e dá pulos.

Cotinha se segura para não cair. A confusão é tanta que as pessoas da casa acordam.

O homem está nervoso.

A situação está complicada. Todos estão tensos.

Sua mulher, exclama:

- Calma, Héder, é só uma barata!



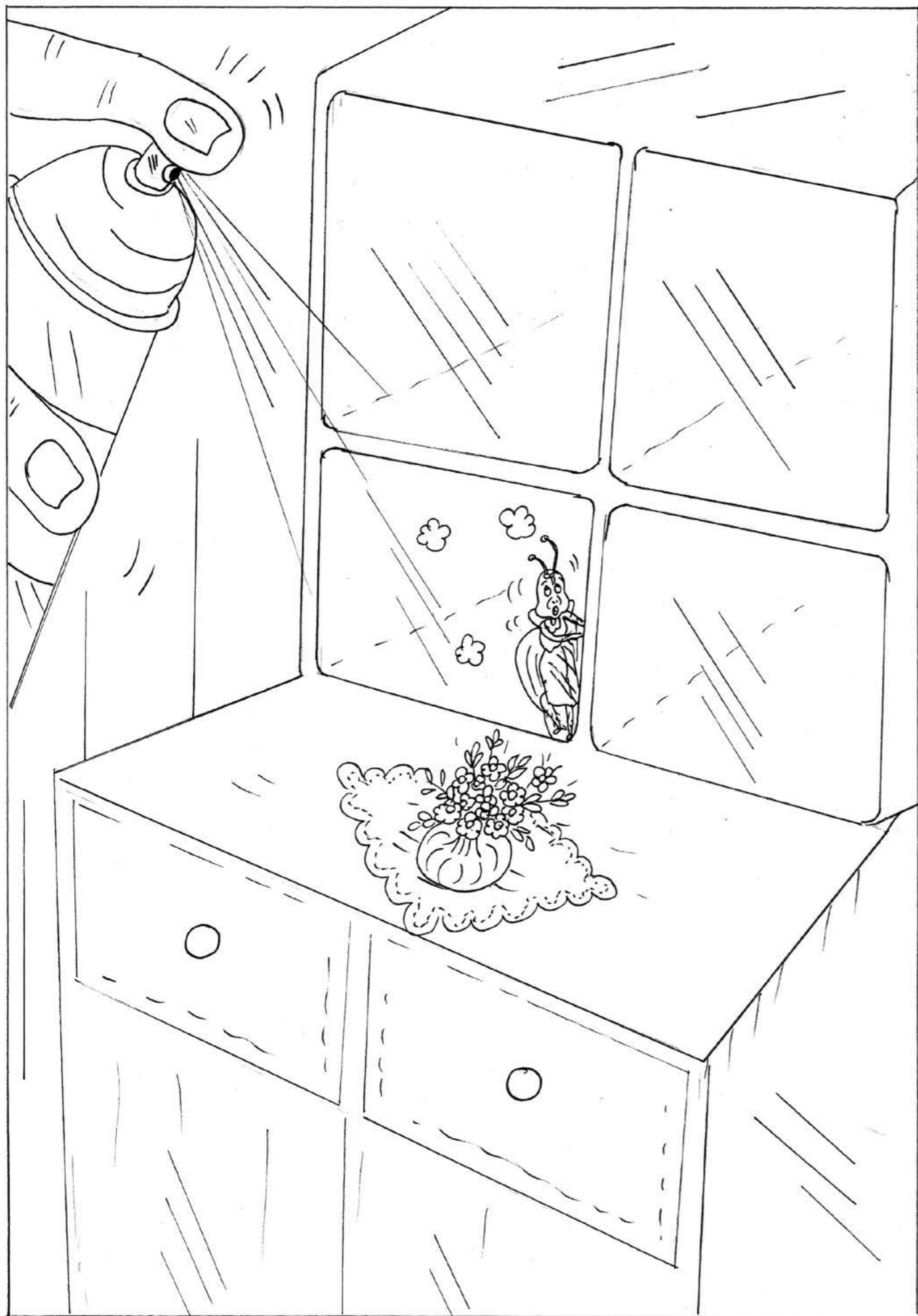
O homem não escuta, continua se sacudindo, pois sente na pele o movimento do inseto.

Cotinha quer escapar. Não consegue. Move-se em todas as direções. Por fim, ela desce até o pé do gigante.

Ao vê-la, todos a perseguem, mas Cotinha encontra o caminho da liberdade. Rápida, some entre a fresta de um armário.

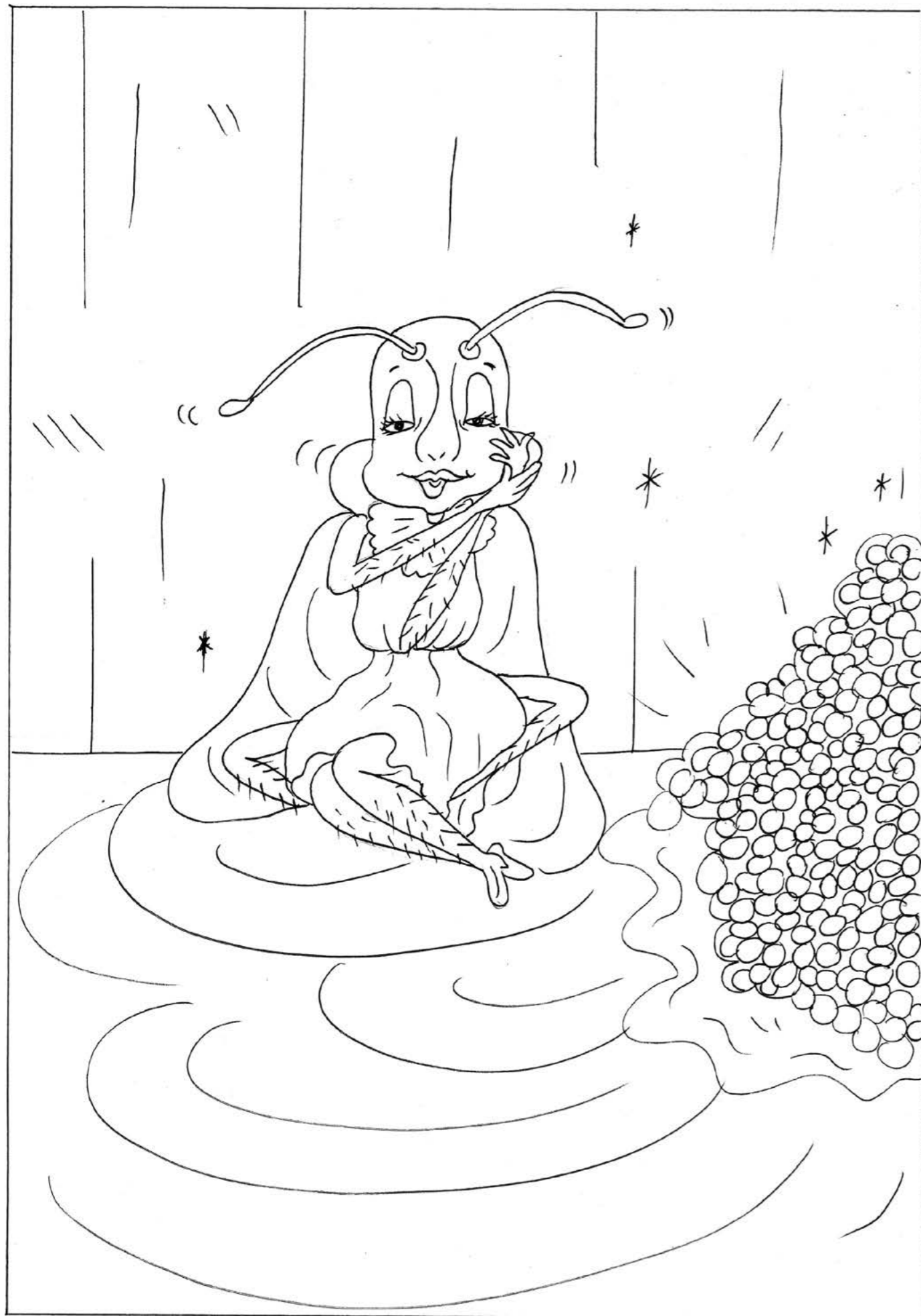
Uma voz agitada grita:

- Pega o spray, rápido!



Não demorou e um cheiro forte se espalhou no ar. Depois disso, as pessoas se retiraram. O silêncio voltou à casa.

No esconderijo, Cotinha sentia o efeito e sufocava. Não bastasse sua agonia, começou a sentir fortes dores. Cambaleante, procurou outro local para se esconder, e naquela mesma noite, depositou os seus ovos.



Na manhã seguinte, Héder e a mulher levantaram cedo. Varreram a casa na esperança de encontrar a barata, talvez de pernas para o ar.

O incidente da noite anterior foi motivo de risos durante o café, mas logo foi esquecido e outros assuntos foram abordados em família.

Quanto à Cotinha, ninguém mais a viu: uns pensam que se refugiou em algum esgoto; outros, que ela não sobreviveu à ação do inseticida.

O fato é que ela desapareceu, e ninguém mais pensou no assunto.



Certa noite, uma velha barata de cor desbotada, cascuda, com barbatanas brancas e usando bengala apareceu.

Após ouvirem sua história, as baratas se convenceram de que poderiam estar diante da lendária Cotinha.



Saiba quem é a Lenira

Olá amigos! Sou Lenira Almeida Heck, também conhecida por Júlia Vehuiáh. Natural da Bahia: nasci em Cachoeira, em 20 de março de 1954, fui registrada em São Félix e cresci em Salvador.

Sou casada, mãe de dois filhos, graduada em Letras pelo Centro Universitário UNIVATES. Moro em Lajeado/RS, sou professora, ministro palestras e conto histórias.

Gosto de ler, escrever e por aí vai.

Defeito: tenho muitos (risos).

Do que não gosto: violência, injustiça e miséria.

Ídolo: Jesus Cristo.

O que espera do futuro? Que as pessoas se entendam e vivam em paz.

Sobre a ilustradora: Adriana Desso, pedagoga, casada, dois filhos.

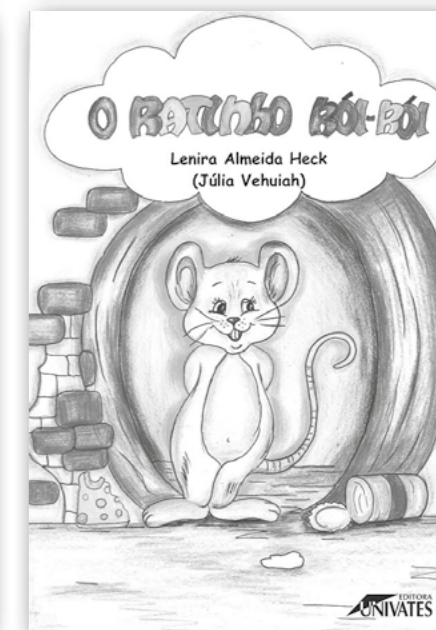
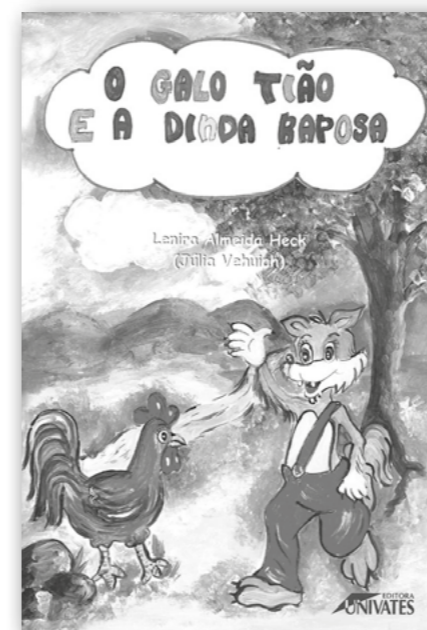
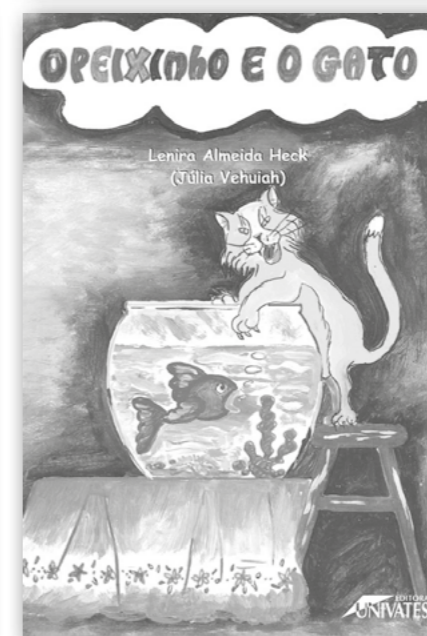
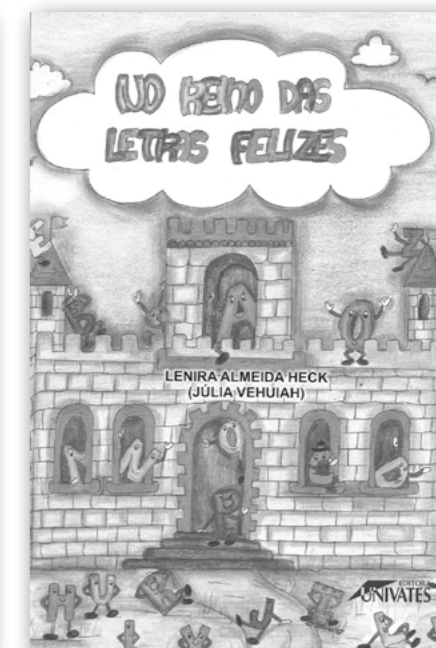
Admiro o seu talento artístico e a sua seriedade no trabalho.

Era isso, amigos. A todos, boa leitura!

Abraços, Lenira.

Outras obras da autora

Não deixe de ler também...





ISBN 978-85-8167-070-6



9 788581 670706